



Ricardo Santhiago, Historiador

Doutor pela Universidade de São Paulo (USP)

1º colocado no Concurso Público nº 254-5/2017 da Unifesp.

TEMA: Educação, Cultura e Cidade

Resultado homologado no dia 21/12/2017.

Pode se apresentar brevemente, contando sua trajetória acadêmica e profissional?

Costumo me apresentar aludindo a uma identidade profissional dupla, de historiador e comunicólogo, mas acredito que minha trajetória é principalmente a de um pesquisador muito voltado aos estudos da memória e da cultura, a partir de uma perspectiva claramente interdisciplinar. Minha área de formação básica é a Comunicação Social – estudei Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e cheguei a trabalhar rapidamente na área e a fazer uma pós-graduação em Jornalismo Científico, na Unicamp, logo depois de me graduar. Em seguida, vim a cursar Mestrado e Doutorado em História, na Universidade de São Paulo, principalmente em função do meu forte envolvimento com a história oral, prática à qual fui apresentado ainda na graduação, por meio da leitura do livro “Memória e sociedade: Lembranças de velhos”, da Ecléa Bosi, que foi realmente transformadora. De certa forma, essa obra me municiou com muitas das ferramentas metodológicas, conceituais e teóricas que até hoje viabilizam meu trabalho como pesquisador e professor, mas principalmente com a convicção de que as histórias orais fazem diferença no mundo. Essa convicção moveu a maior parte dos meus trabalhos, seja aqueles estritamente acadêmicos, seja aqueles com uma interface visível com a

produção cultural ou a divulgação científica. Na realidade, todas essas instâncias se reuniram quando me aproximei da história pública, que foi meu objeto de estudo durante o estágio pós-doutoral que realizei no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, e que é uma área de reflexão e uma postura teórica, metodológica e política que venho buscando difundir, incentivar e discutir, no âmbito da Rede Brasileira de História Pública, de cuja criação participei. A história pública, para mim, é uma atitude intelectual se que desdobra em um conjunto de estratégias que visa aproximar história e público em quatro direções: na ampliação das audiências para o conhecimento produzido na universidade; no reconhecimento da legitimidade das interpretações históricas desenvolvidas por agentes não acadêmicos, em uma ação historiadora crítica que muitas vezes mira a intervenção no presente; na reflexão sistemática sobre as apropriações do passado por indivíduos e comunidades; e na construção participativa do conhecimento histórico. Mais recentemente, me tornei professor da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, onde trabalhei de 2015 a 2018, em mais um momento de ampliação de diálogos interdisciplinares e da prática multiprofissional. A partir do ponto de vista de alguém oriundo da Comunicação e da História, me envolvi em atividades muito estimulantes no campo da Fonoaudiologia, principalmente em torno da articulação dessa disciplina com a saúde pública, da identidade profissional do trabalhador de saúde e das narrativas em saúde.

Como você se interessou em ser professor no Campus Zona Leste da Unifesp e o que vê de potencial no Projeto Político Pedagógico do Instituto das Cidades?

A Zona Leste é o lugar onde nasci e no qual vivo até hoje. Cresci na Mooca e moro no Belenzinho, de modo que experimentei e testemunhei a expectativa pela chegada da universidade pública à região – particularmente, de uma universidade pública na qual a comunidade se reconheça, em sua multiplicidade e inclusive em suas controvérsias. Acredito que esse reconhecimento seja um dos elementos propiciado pelo projeto político-pedagógico do Instituto das Cidades. Além disso, há pelo menos dez anos a história e a memória da Zona Leste têm sido uma preocupação minha, motivando a criação de um grupo de pesquisa na EACH-USP, eventos, estudos e publicações, sempre motivados pelo princípio da autoridade compartilhada. Venho perseguindo oportunidades de dinamizar esse interesse e desenvolver uma interlocução permanente com os diferentes agentes e grupos que têm assumido a tarefa de interpretar o passado da região: memorialistas, coletivos de memória, pontos de cultura, organizações culturais, etc. O Instituto das Cidades é o lugar ideal para fazer isso, dada a atenção explicitada desde seu projeto político-pedagógico aos temas da memória, da história local e do patrimônio; ao princípio da indissociabilidade entre

ensino, pesquisa e extensão, que tem orientado minha atuação como docente; e a modelos dialógicos de construção do conhecimento e de intervenção.

Em linhas gerais, qual a proposta de ensino, pesquisa e extensão que você apresentou no concurso? No que ela poderá colaborar com o Instituto e com a Zona Leste?

O projeto que apresentei, na subárea Fundamentos e Crítica das Artes, é intitulado “Arte e artistas na Zona Leste de São Paulo: Percursos de formação, desenvolvimento profissional e usos do espaço urbano”. Ele se relaciona a estudos anteriores sobre subjetividade narrativa e liberdade artística, propondo-se a estudar as trajetórias de artistas oriundos da região e desejando compreender, a partir da narração de experiências pessoais e profissionais, em que medida a origem e a inserção geográfica desses sujeitos ajudam a conformar seus campos de possibilidades. Atravessado pelos princípios da história oral e da história pública, o projeto antevê a incorporação de métodos narrativos e participativos nas futuras atividades de ensino de graduação e pós-graduação, o desenvolvimento de uma série de atividades de extensão e cultura (rodas de memória, entrevistas públicas, oficinas de documentação oral e de narrativa audiovisual, entre outras), bem como a formulação de materiais didáticos, em parceria com professores de educação básica da região, que possam auxiliar no ensino da história local, em perspectiva interdisciplinar. Além disso, sendo um projeto de inserção institucional, ele busca uma aproximação com o Centro de Memória da Zona Leste e com o Observatório de Políticas Públicas, já instalados no Instituto das Cidades, contemplando iniciativas que, imagino, podem se atrelar a eles, particularmente a modelagem de um banco digital de histórias de vida e a implementação de uma base de dados de estudos sobre a Zona Leste de São Paulo.

Temos agora um enorme desafio de continuar a implantação desse Campus num contexto adverso à expansão da universidade pública. Como vê essa situação e como podemos fazer frente à ela?

Com criatividade, persistência e com a reinvenção de uma espécie de frentismo universitário que faça frente a todo tipo de retrocesso e obscurantismo. Além disso, creio que precisaremos encontrar estratégias para compatibilizar as exigências regulares de uma instituição de ensino superior, sobretudo nos âmbitos do ensino e da pesquisa, e o arrojo do projeto político-pedagógico do Instituto das Cidades, com sua vocação extensionista. Seja como for, contamos com um ingrediente precioso, que é o forte apoio da comunidade do entorno, que constitui afinal a razão de ser do campus.